

MERCADO DE TRABALHO

PNAD COVID-19 – Divulgação de 10/07/2020 – Principais destaques

Sumário

- Os resultados da PNAD Covid-19 referentes à semana de 14 a 20 de junho mostram certa **estabilização das condições do mercado de trabalho brasileiro**, sugerindo uma atenuação dos efeitos da pandemia.
- Após apresentar tendência de alta entre o início de maio e o início de junho, a **taxa de desocupação** manteve-se relativamente *estável* nas últimas duas semanas pesquisadas, quando oscilou entre 12,4% e 12,3%.
- O **nível da ocupação**, que vinha em trajetória de queda entre meados de maio (49,9%) e a segunda semana de junho (49,0%), apresentou sinais de *estabilização e possível início de recuperação* (49,3%).
- A **taxa de participação na força de trabalho** atingiu 56,2%. Apesar de estatisticamente estável em relação à semana anterior (56,0%), esse valor é consistente com uma *trajetória de recuperação* em relação a maio, quando a taxa de participação foi, em média, de 55,6%.
- Entre as pessoas não ocupadas que não procuraram emprego, mas afirmaram que gostariam de trabalhar, a **parcela que não procurou trabalho por conta da pandemia** recuou de 70,7% na primeira semana de maio para 65,8% na terceira semana de junho.
- O **percentual de pessoas ocupadas, mas temporariamente afastadas do trabalho devido ao distanciamento social**, continuou em *queda*. Após atingir 19,8% no início de maio e 16,1% no início de junho, esse percentual foi de 13,3% na última semana de referência.
- Dentro do total das pessoas ocupadas e não afastadas do trabalho, a **parcela de pessoas que trabalharam de forma remota** manteve-se *estável* em 12,5%, permanecendo abaixo da média de 13,3% observada em maio.
- O número de **pessoas ocupadas trabalhando presencialmente** atingiu 61,2 milhões e continuou na *trajetória de recuperação* observada desde o início de maio (quando havia sido de 55,4 milhões).
- Após ter oscilado entre 35% e 35,6% na primeira quinzena de junho, a **taxa de informalidade** das pessoas ocupadas *diminuiu* para 33,9%, sugerindo melhora na qualidade das ocupações.

Maria Andreia Parente Lameiras
Técnico de Planejamento e Pesquisa da Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac) do Ipea.

maria-andreia.lameira@ipea.gov.br

Marco Antônio F. de H. Cavalcanti
Diretor Adjunto da Dimac do Ipea

marco.cavalcanti@ipea.gov.br

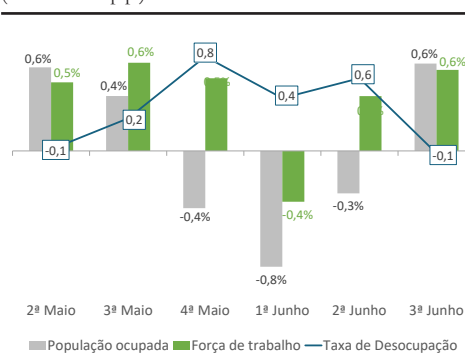
Divulgado em 10 de jul./2020.

Os resultados referentes à semana de 14 a 20 de junho da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) Covid-19, divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), continuam a refletir o profundo choque da pandemia do novo coronavírus sobre a economia brasileira, mas mostram certa estabilização das condições do mercado de trabalho. De fato, apesar de o quadro do emprego no país permanecer em um patamar muito desfavorável, os dados da pesquisa indicam estabilidade e até mesmo uma leve melhora em alguns indicadores. Ainda é cedo para afirmar que o pior momento da pandemia no mercado de trabalho ficou para trás, mas há sinais de que a melhora já observada nos indicadores de atividade econômica pode estar começando a impactar também o mercado de trabalho – as próximas divulgações da PNAD Covid-19 serão cruciais para validar essa hipótese. De qualquer forma, supondo que a evolução da Covid-19 permita a continuidade do processo de flexibilização gradual das restrições ao funcionamento das atividades econômicas no Brasil, parece razoável esperar que as condições do mercado de trabalho passem a melhorar aos poucos.

Após apresentar tendência de alta entre a segunda semana de maio (quando atingiu 10,4%) e a segunda semana de junho (12,4%), a *taxa de desocupação* manteve-se relativamente estável na última semana pesquisada, quando chegou a 12,3% – mostrando, assim, uma leve queda (estatisticamente não significativa) na estimativa pontual. Na decomposição da taxa de desocupação, nota-se que essa queda foi resultante da expansão da população ocupada (aumento de 0,6%), e só não foi mais intensa porque houve um aumento praticamente idêntico da força de trabalho (gráfico 1). O nível da *ocupação*, que vinha em trajetória de queda entre meados de maio (49,9%) e a segunda semana de junho (49,0%), apresentou sinais de estabilização e possível início de recuperação (49,3%). Na terceira semana de junho, a economia gerou 520 mil novas ocupações em termos líquidos, o que possibilitou não apenas que novos entrantes na força de trabalho conseguissem uma ocupação como também retirou mais de 54 mil pessoas da condição de desocupados.

A *taxa de participação na força de trabalho* atingiu 56,2%. Apesar de estatisticamente estável em relação à semana anterior (56,0%), esse valor é consistente com uma *trajetória de recuperação* em relação a maio, quando a taxa de participação foi, em média, de 55,6%. O aumento da força de trabalho parece estar diretamente ligado à volta de certo grau de “normalidade” das atividades econômicas, depois de passado o pior momento da pandemia. De fato, enquanto a proporção de pessoas não ocupadas que não procuraram emprego, mas afirmaram que gostariam de trabalhar, vem mantendo-se estável desde a primeira semana de maio (em torno

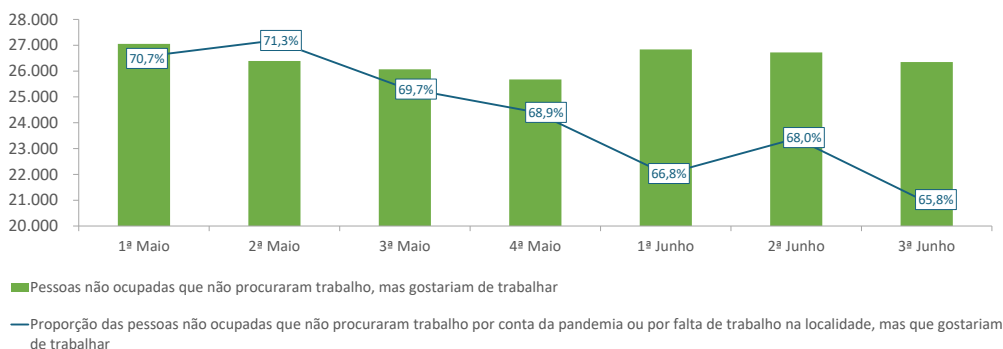
GRÁFICO 1
Indicadores do mercado de trabalho – variação em relação ao período imediatamente anterior
(Em % e em p.p.)



Fonte: PNAD Covid-19/IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac) do Ipea.
Obs.: p.p. – pontos percentuais.

de 35%), a parcela desse total que não procurou trabalho por conta da pandemia recuou de 70,7% na primeira semana de maio para 65,8% na terceira semana de junho.

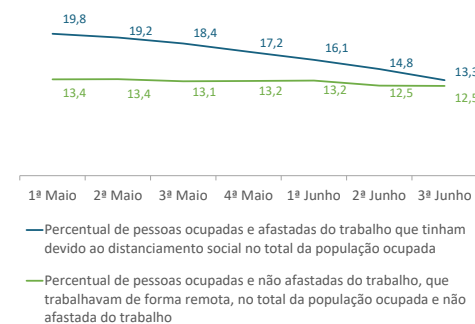
GRÁFICO 2
População fora da força de trabalho
(Em 1 mil pessoas)



Fonte: PNAD Covid-19/IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

De modo semelhante, a queda significativa na proporção de pessoas ocupadas e afastadas do trabalho por conta da pandemia, juntamente com o recuo das pessoas em trabalho remoto, parece corroborar essa tendência de retorno gradual a certo grau de “normalidade” no mercado de trabalho. O *percentual de pessoas ocupadas, mas temporariamente afastadas do trabalho devido ao distanciamento social*, continuou em queda nessa última pesquisa: após atingir 19,8% no início de maio e 16,1% no início de junho, esse percentual foi de 13,3% na última semana de referência. Dentro do total das pessoas ocupadas e não afastadas do trabalho, por sua vez, a *parcela de pessoas que trabalharam de forma remota* manteve-se estável em 12,5%, permanecendo abaixo da média de 13,3% observada em maio.

GRÁFICO 3
População ocupada afetada pela pandemia
(Em %)



Fonte: PNAD Covid-19/IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Em consequência da redução no número de pessoas ocupadas e afastadas do trabalho e da estabilização da proporção de pessoas em trabalho remoto, o número de *pessoas ocupadas trabalhando presencialmente* atingiu 61,2 milhões e continuou na trajetória de recuperação observada desde o início de maio (quando havia sido de 55,4 milhões).

Finalmente, vale ressaltar que os últimos dados começam a mostrar um leve recuo da taxa de informalidade no mercado de trabalho, que, após ter oscilado entre 35% e 35,6% na primeira quinzena de junho, diminuiu para 33,9% na terceira semana do mês. Isso indica que boa parte das ocupações geradas nas últimas semanas foi constituída por vagas com carteira assinada e/ou por conta própria com Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica (CNPJ).

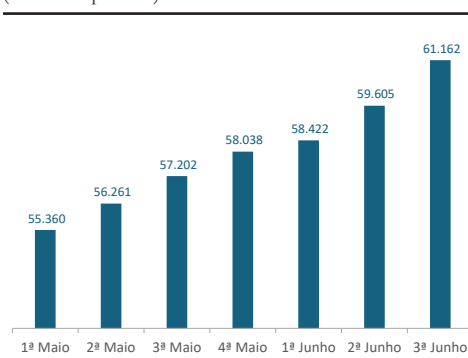
Finalmente, vale ressaltar que os últimos dados começam a mostrar um leve recuo da taxa de informalidade no mercado de trabalho, que, após ter oscilado entre 35% e 35,6% na primeira quinzena de junho, diminuiu para 33,9% na terceira semana do mês. Isso indica que boa parte das ocupações geradas nas últimas semanas foi constituída por vagas com carteira assinada e/ou por conta própria com Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica (CNPJ).

Os dados da PNAD Covid-19 apresentam sinais de que a melhora já observada nos indicadores de atividade econômica pode estar começando a impactar positivamente também o mercado de trabalho. Evidentemente, essa é uma hipótese que ainda carece de confirmação. As informações analisadas referem-se a uma amostra muito pequena, e há uma grande incerteza sobre o ritmo de disseminação do SARS-Cov-2 no país e a magnitude e extensão das medidas de isolamento social requeridas para atenuar seus impactos adversos na população. Espera-se que as próximas divulgações da PNAD Covid-19 possam continuar ajudando na melhor compreensão do estágio atual do mercado de trabalho brasileiro e de suas perspectivas.

De qualquer forma, é importante ter em mente que o quadro socioeconômico continuará desafiador durante algum tempo. Diante das restrições impostas pela difícil situação fiscal do país, caberá às autoridades econômicas encontrar o ritmo adequado de transição das medidas excepcionais de política voltadas para a preservação de empregos, renda e produção – que têm se revelado fundamentais para atenuar os impactos econômicos e sociais da crise –, para um regime de política que continue a prover assistência aos mais necessitados, mas que seja fiscalmente sustentável.

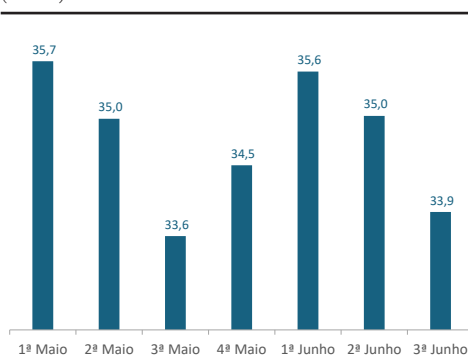


GRÁFICO 4
População ocupada não afastada e trabalhando presencialmente
(Em 1 mil pessoas)



Fonte: PNAD Covid-19/IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea

GRÁFICO 5
Proxy da taxa de informalidade no mercado de trabalho brasileiro
(Em %)



Fonte: PNAD Covid-19/IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea

Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac)

José Ronaldo de Castro Souza Júnior – Diretor
Marco Antônio Freitas de Hollanda Cavalcanti – Diretor Adjunto



Grupo de Conjuntura

Equipe Técnica:

Estêvão Kopschitz Xavier Bastos
Leonardo Mello de Carvalho
Marcelo Nonnenberg
Maria Andréia Parente Lameiras
Mônica Mora Y Araujo de Couto e Silva Pessoa
Paulo Mansur Levy
Sandro Sacchet de Carvalho

Equipe de Assistentes:

Ana Cecília Kreter
Augusto Lopes dos Santos Borges
Felipe dos Santos Martins
Felipe Moraes Cornelio
Felipe Simplicio Ferreira
Leonardo Simão Lago Alvite
Marcelo Lima de Moraes
Mateus de Azevedo Araujo
Pedro Mendes Garcia
Tarsylla da Silva de Godoy Oliveiraa

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou do Ministério da Economia.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.